O CANGACEIRO e O SAMURAI

ARGUMENTO



O CANGACEIRO E O SAMURAI

ARGUMENTO CINEMATOGRÁFICO
~~ROTEIRO DE~~ DE

GERALDO SANTOS PEREIRA



O CANGACEIRO E O SAMURAI

"Místico e rústico, ao mesmo tempo justiceiro e criminoso, o cangaceiro forma, ao lado do "cow-boy" americano e do samurai japonês, a trindade dos grandes heróis de cinema, pelo menos aos olhos dos brasileiros".

Alberto Silva



O CANGACEIRO E O SAMURAI



ROTEIRO DE

GERALDO SANTOS PEREIRA

O CANGACEIRO E O SAMURAI

Argumento cinematográfico
de GERALDO SANTOS PEREIRA

1. Em 1935, após receber como pagamento de dívida, uma fazenda de gado no interior da Bahia, o japonês Massao Takeda deixou São Paulo, onde residia com a mulher, Kimie, e foi radicar-se naquela região dominada pelas caatingas e, na década de 30, flagelada por violentas incursões dos bandos armados de cangaceiros.

Morrendo-lhe a esposa, Massao ficou só numa região áspera e bela. Resolveu, então, chamar do Japão um sobrinho, também agricultor, que desejava tornar herdeiro de seus bens.

Kyoshiro Takeda, recém casado com a jovem e bela Sayuri, embarcou na companhia da esposa e da mãe, viúva, chegando por volta de abril de 1936 ao porto de Salvador, trazendo, entre outros pertences, uma bela e trabalhada arca antiga, a que dedicava cuidados especiais.

Recebido com emoção pelo tio, Kyoshiro, Sayuri e dona Mari atravessaram a parte baixa de Salvador, despertando a curiosidade pitoresca dos baianos, e embarcaram num velho ônibus, a caminho da vasta propriedade rural, conhecida como "Fazenda do Japonês".

A presença juvenil e delicada de Sayuri, com a voz bonita e o som nostálgico do shamisên, que ela executava graciosamente, despertou no velho Massao reminiscências que, com o correr do tempo, transformaram-se em admiração e inquietude, pois a moça possuía grande semelhança com Kimie, quando jovem.

Também como Massao, o capataz da fazenda, o baiano Antônio Garcia, homem rude, calado e másculo, foi particularmente atraído pelo fascínio e o encanto de Sayuri.

A "Fazenda do Japonês", sob o impulso da juventude e, especialmente, da competência e capacidade de trabalho de Kyoshiro Takeda, prosperou e diversificou-se, permitindo, sem grandes dificuldades, rápida ambientação dos nipônicos na vida rural nordestina. Conservaram, contudo, os velhos e tradicionais hábitos da civilização milenar japonesa, criando, com isto, um pitoresco e curioso contraste de duas ricas culturas e tradições populares.

Enquanto, por exemplo, a família japonesa comemorava, no interior da casa-grande, o "Tanabata-Matsuri", antiga e tradicional festa rural do Japão, os baianos, para retribuir-lhes a gentileza pela distribuição de doces e pratos típicos, realizaram, no galpao da fazenda, uma ruidosa demonstração de Candomblé, no qual, representando Ogũn, Antônio Garcia era a principal e impressionante figura.

As duas festas, alternando decoração, ritmos, melodias, cantos e danças na quente noite sertaneja, pareciam exaltar o misticismo de duas raças e aprofundar o antagonismo que, desde algum tempo, vinha separando Kyoshiro de Antônio Garcia.

Certa noite, na ausência de Kyoshiro, em viagem de negócios, o velho Massao e Sayuri, envolvidos pelo fascínio da noite do sertão, foram à varanda e lá recordaram nostalgicamente a pátria distante. Massao, transportado para o passado e vendo, na imaginação, a linda Sayuri transmudar-se em Kimie, quando moça, caminhou em sua direção, dominado pelo desejo, excitado e feliz. Sayuri, assustada, temeu-o e, a certa altura, retirou-se para o quarto, enquanto Massao, alquebrado pela vergonha, o remorso e a humilhação, fechou-se no quarto, escreveu uma carta e se matou.

***

2. Assumindo, com a morte do tio, a propriedade da fazenda, Kyoshiro despediu secamente o antigo capataz.

Antônio Garcia, calado, foi apanhar os pertences, a viola, a indumentária do Candomblé, o facão e a imagem de Santo Antônio. Depois montou no cavalo, que fez questão de comprar de Kyoshiro, e partiu pela estrada de terra.

Quilômetros adiante, à beira do caminho batido pelo sol forte,

deparou com um cangaceiro ferido, pedindo socorro. Foi ajudá-lo. Antes de morrer, o cangaceiro pediu-lhe para avisar a família, moradora na cidade de Manga Rosa, e dar ciência de sua morte ao chefe do bando Aparício Meireles, famoso em todo o Nordeste, vagando pelos lados da Chapada da Ema.

Cumprindo o prometido, Garcia encaminhou-se para Manga Rosa, levando, inocentemente, o fuzil, a cartucheira, o bornal e outros pertences do cangaceiro. Ao cruzar a praça de Manga Rosa, o ex-capataz foi violentamente agarrado por soldados do destacamento e, aos berros e safanões, confundido com bandido de cangaço, jogado na cela da prisão.

Espancado e humilhado, guardando um ódio surdo e impotente, Garcia, dias mais tarde, conseguiu escapar, saindo à procura do bando de Aparício Meireles, ao qual se juntou, definitivamente, iniciando nova fase de sua vida.

Enquanto isso, na fazenda, a terra se cobria de novos cultivos, o gado e outras criações se multiplicaram, projetando o nome e o prestígio de Kyoshiro Takeda.

Certo dia, na ausência do fazendeiro, que partira em viagem a Salvador, a propriedade foi inesperadamente invadida pelo bando, agora chefiado por Antônio Garcia, que substituíra Aparício Meireles, morto em combate com a Polícia.

Liquidando, em pouco tempo, a resistência de alguns empregados, Antônio Garcia invadiu a casa-grande e foi ao encontro de Sayuri. Um de seus homens, divisando a mãe de Kyoshiro empunhando perigosamente uma arma, abatou-a com tiro certeiro. Sayuri desfaleceu, amparada por Garcia, que apanhou, num armário, o belo e vistoso traje trazido do Japão, e que tanta admiração despertava no ex-capataz.

Garcia carregou-a então nos braços, montou e, antes de partir, pediu a Pedro Roque, o novo capataz, que informasse a Kyoshiro que viera buscar sua mulher. Depois esporeou o cavalo e se afastou, levando no selim a japonesinha aterrorizada.

***

3. Regressando de viagem, Kyoshiro deparou com o quadro trágico: morta a mãe e seqüestrada a esposa. Fechado em ódio, calado e determi-

nado, o japonês mandou preparar um animal e, antes de partir ao encalço de Sayuri, apanhou no interior da casa a velha canastra, que amarrou na garupa do cavalo.

Depois partiu, só, sem nenhuma arma de fogo, iniciando uma longa, dramática e patética perseguição que atravessou o sertão da Bahia e penetrou no território de outros Estados nordestinos.

Metido em roupa sertaneja, chapéu de palha na cabeça, os pequenos olhos fincados na distância, Kyoshiro avançava, sertão a-dentro, prescrutando pistas, decifrando detalhes, enquanto, com alternância de ação dramática, o bando de Antônio Garcia cruzava o Nordeste, despistando, fugindo ou, vez e outra, enfrentando os soldados do Governo, criando uma legenda de sangue e violência.

Ao lado de Garcia, montada num cavalo baio, Sayuri nada dizia, vestindo saia e blusa de desenhos coloridos, um largo chapéu de palha na cabeça, protegendo-a do sol causticante. Garcia, invariavelmente ao lado dela, a certa altura falou, pausadamente:

- Quando vosmicê ordenar, dona Sayuri, largo tudo isto. A gente vai para São Paulo, viver vida decente. Não quero ser bandido, me entenda.

A japonesinha nada respondeu, fitando-o enigmática, quase irônica.

Enquanto isso, noutro ponto do sertão, Kyoshiro prosseguia, infatigável, sua busca obstinada. Nada o detinha, na voragem da vingança: nem o sol que castigava, nem os espinhos que lhe rasgavam a pele e a roupa. Avançava sempre, penetrando nos cerrados de macegas altas, transpondo as caatingas espinhentas sob o céu sem núvens, cruzando a fronteira com o Piauí, passando ao lado de Caracol, Raimundo Nonato, cortando o rio Piauí, no ponto atravessado, antes, pelo bando de Antônio Garcia.

Ferido numa refrega com os soldados, Garcia desfaleceu e, quando voltou a si, encontrou-se, só, num canto do mato. Compreendeu, então, que Sayuri fugira. Mas, pouco depois, ouviu ruídos de passos, e avistou Sayuri que, trazendo uma cuia com água, viera tratar-lhe o ferimento.

Posteriormente, convalescendo num lugarejo afastado, que o bando, reagrupado, tomou de assalto, Sayuri entrou no quarto onde Garcia

repousava. Trazia um prato de sopa, que depositou numa mesinha de cabeceira. Antes de afastar-se, suavemente como chegara, o cangaceiro deteve-a com a mão.

Sauyri se voltou, deixando-se atrair por Garcia, que a tomou nos braços, estendeu-a na cama, beijou-lhe os cabelos, o rosto, a boca. Depois retirou-lhe vagarosamente a blusa, o soutien, a saia, beijando-lhe todo o corpo alvo e delicado.

Fora, na rua comprida do lugarejo, precariamente iluminada, um mendigo caminhava, pedindo esmola com a voz cantada e sofrida:

- Gente, o miserê tá demais nesta vila! Mas, quem sabe o povo de Garcia não me dá um esmolão? Custa pedir?...

Atraído pelos ruídos que os cangaceiros faziam numa pensão de mulheres, o cego foi em sua direção, com a pitoresca cantilena:

- Vai ver os cabras tão tudo no cabaré. Meus irmãos, me dêem uma esmola, por obra de caridade! Meus irmãos, me dêem uma esmola!

***

4. No dia seguinte, pela manhã, o bando de cangaceiros deixou a cidadezinha, que ficou de novo vazia e silenciosa.

Pouco a pouco, no entanto, foi voltando ao normal, e sua triste população, ainda assustada, comentava a invasão, retomando sua humilde ocupação.

Eis quando, surgindo num extremo do arraial, Kyoshiro Takeda foi chegando com seu cavalo e sua canastra, reverberando ao sol forte.

Desceu à rua principal, transitada pelos moradores, alguns também a cavalo, aproximou-se de um empório, desmontou, pediu água, comprou milho para o animal, tornou a montar e, tranqüilamente, atravessou o vilarejo e se afastou.

A perseguição continuou, então, tenaz e implacável, com Kyoshiro agora seguindo de perto o bando inimigo, deslocando-se como sombra, cauteloso, examinando pegadas e detalhes que indicavam a passagem do bando.

Depois de escapar de uma volante policial, o bando de Garcia embrenhou-se no mato e se aproximou, ao anoitecer, de uma região menos árida do Norte baiano.

E lá, numa depressão do terreno, local de vegetação mais densa, o bando armou acampamento, enquanto Kyoshiro, que seguira por equívoco as pegadas da volante policial, retomava o caminho certo, ao encalço dos cangaceiros.

No valhacouto, ao anoitecer, o bando acendeu fogueiras, em pontos estratégicos do capão de mato. E se entregou às suas ocupações normais, costurando roupas e bornais, lavando-se com água trazida de um riacho, perfumando o corpo, lustrando os cabelos com brilhantina, limpando o pelo dos cavalos, jogando partidas de "suecas", "três-sete", "trinta-e-um" e "sete-e-meio", contando dinheiro, etc.

Num canto, avistava-se a barraca de Sayuri, armada entre umbuzeiros. No centro do acampamento, dois cangaceiros iniciaram a capoeira, ritmada por berimbaus e pandeiros.

Foi quando Kyoshiro Takeda se aproximou do valhacouto, escondido entre árvores. Apeou e, cuidadosamente, evitando ser percebido pelos vigias, foi espionar o esconderijo dos bandidos.

Havia, finalmente, alcançado seus grandes inimigos. No rosto dele, tenso e fechado, pairava uma expressão indisfarçável de prazer, retesando-lhe a energia no esforço de confronto e vingança.

Voltou depois para junto do cavalo, preso no galho de uma árvore. Desamarrou então a canastra e a transportou a um capinzal. Apanhou depois uma chave e abriu a fechadura do móvel.

Ergueu a tampa da arca e, de seu interior, retirou cuidadosamente uma velha indumentária japonesa, deixando ver, no fundo, sinistra, uma espada samurai, guardada em bainha.

Num pequeno compartimento da canastra viam-se papéis, fotografias e documentos amarelecidos pelo tempo.

Com o traje, retirado da arca, dobrado sobre suas mãos, Kyoshiro caminhou alguns passos, colocou-o sobre a raiz de uma árvore e, em seguida, sem pressa, como num ritual, retirou a camisa de fustão, sem colarinho, a calça de brim cáqui, as botinas sertanejas, o chapéu de palha.

Depois, com certa solenidade, seminu, começou a vestir a indumentária japonesa, larga e ampla, e que lhe recobriu todo o corpo como um traje sacerdotal.

Uma nova e surpreendente figura ressurgiu, então, naquele canto escondido, deslocada na paisagem noturna do sertão.

Extravagante, quase irreal, ali se produziu a estranha transmutação do mito guerreiro do Oriente para a terra tropical. O ritual ganhava carne, reatando a legenda, transfigurando o homem e o incorporando à nova realidade.

Em lugar do fazendeiro, pacato e nativo, ali se compunha, com solenidade hierática, a figura fantástica do guerreiro medieval, o olhar cortante, preparando-se para a luta de vida e morte.

No acampamento, alheios à presença solitária do japonês, os cangaceiros continuavam os afazeres, dançavam a capoeira, com suas gingas e negaças, estimulados pelos gritos e o estímulo dos companheiros.

De seu canto, Kyoshiro ouvia o alarido dos bandoleiros e, indiferente a tudo, terminava de vestir-se. Depois foi apanhar, do fundo da canastra, a velha espada que pertenceu a seus antepassados.

Prendeu-o à cintura, à moda samurai, recolheu-se a um canto, onde fez preces, calmo e concentrado.

Estava pronto para o ato final, imagem insólita de ficção e lenda.

Caminhou alguns metros e prescrutou, pela última vez, o local do acampamento, de onde subiam vozes, gritos e ruídos da festa dos cangaceiros.

Foi quando, de súbito, sob o impulso de um salto felino, Kyoshiro Takeda, espada em riste, projetou-se no meio do valhacouto, soltando um terrível brado de guerra.

Alcançando o solo, o japonês, como raio mortífero, arrojou-se contra os bandidos atônitos, sem tempo para se armar e se defender, muitos embriagados, a expressão bestificada.

Contra eles o terrível guerreiro se lançou, cortando-lhes o corpo, decepando-lhes a cabeça, arrojando-os ao chão, entre poças de sangue.

E movia a espada sinistra, decepando braços, pernas e pescoços, fazendo o sangue esguichar, entre gritos lancinantes.

De repente, vindo de um canto do acampamento, Antônio Garcia alcançou o local da terrível chacina. Parou, atônito, como se nada entendesse.

Sauyri o acompanhava, pouco atrás, vestindo o quimono de cores fortes, os cabelos penteados à moda oriental. Quando avistou o marido, transfigurado em samurai, empalideceu, paralisada de espanto.

Kyoshiro também a avistara. Caminhou, então, vagarosamente, na direção do casal, a espada empapada de sangue.

Garcia, por sua vez, retirou o punhal da bainha e também se encaminhou para o japonês, que o esperava, pouco adiante, espada à mão.

Na trilha sonora, antes dominada pelo som mesclada de berimbaus e tambores da tradição bélica japonesa, faz-se um grande silêncio, só se ouvindo os passos de Garcia e a respiração ofegante do samurai.

Vendo o cangaceiro aproximar-se, Kyoshiro também foi ao seu encontro, o olhar crispante, desviando-se de corpos e poças de sangue.

Acercaram-se um do outro, espada contra punhal, samurai contra cangaceiro, homem contra homem.

Ficaram a poucos passos um do outro, fitando-se nos olhos, medindo forças, reprimindo o ódio.

Ali se defrontavam duas raças, decidindo antagonismo e vingança.

Subitamente, as mãos erguendo a espada, Kyoshiro arremeteu para a frente, pronto para golpear. Mas Garcia, num átimo, desviou o corpo, ergueu também o facão.

E as armas se chocaram, aço contra aço, detidas com força descomunal, na luta de vida e morte. Num canto, expectante, Sayuri era a espectadora inútil do terrível duelo.

Na tela, ou no vídeo, a imagem de Garcia, no embate impressionante, fundia-se com a figura de Ogũn e, em lugar da roupa de couro, com o lenço ao pescoço, as cartucheiras e o culote, surgia, no efeito especial, a indumentária do Candomblé, brandindo o punhal ao som forte dos atabaques, pandeiros, cabaças, agogôs e berimbaus.

Durante algum tempo, pontilhando o duelo, fundiam-se e alternavam-se sons afro-brasileiros e japoneses, violas e "shamisens", gritos e imprecações nas duas linguas, enquanto as imagens dos contendores tornavam-se hieráticas, lentificadas pela técnica fotográfica do high-speed.

A montagem especial da seqüência termina no exato instante em que o japonês golpeia mortalmente o adversário, voltando as imagens à

velocidade normal.

Os dois contendores estavam no centro da clareira, Garcia ferido no peito, o sangue jorrando do talho profundo, Kyoshiro, terrível, detendo com força a espada, pronto para o golpe de misericórdia.

PRIMEIRA VERSÃO PARA O FINAL

Mas não o fez, ao avistar, atônito, Sayuri que viera amparar no colo a cabeça do cangaceiro em agonia.

Compreendendo tudo, Kyoshiro baixou lentamente a espada, enquanto Garcia, antes de expirar, contemplava amorosamente o rosto da japonesa, no qual o sofrimento era um traço inusitado.

Diante dela, perplexo, Kyoshiro permanecia imóvel, fixando na moça um olhar mesclado de ódio e piedade, desprezo e tristeza.

O cangaceiro deixou, então, cair a cabeça e morreu, manchando de sangue o quimono colorido da moça.

Kyoshiro recuou alguns passos, acororou-se, à moda oriental, colocou a ponta da espada no ventre, pronto para matar-se. Antes que o fizesse, no entanto, fixou na mulher, pela última vez, um olhar estranho e profundo. Depois juntou forças e, subitamente, enfiou a espada no ventre, tombou para a frente e morreu.

Câmera sobe, instalada em grua, ou helicóptero, e mostra a clareira juncada de corpos e, no centro, Sayuri afagando solitariamente a cabeça do cangaceiro. Começava a amanhecer, e um grande silêncio cobre a paisagem agreste do sertão.

Na trilha sonoro só se ouve a batida monótona de um berimbau.

SEGUNDA VERSÃO PARA O FINAL

Depois que golpeou mortalmente o ex-capataz, Kyoshiro limpou a espada e enfiou-a na bainha. Depois, vagarosamente, caminhou na direção de Sayuri, afastada alguns metros, esperando.

E lhe disse somente uma palavra, em sua língua:

- Vamos.

Depois os dois se afastaram, subiram a colina e se aproximaram do cavalo. E ali, enquanto Sayuri ia recolhendo os pertences do marido, Kyoshiro despojou-se do traje samurai, que guardou, com a espada, no

fundo da canastra, e voltou a vestir a roupa de fazendeiro.

Prendeu, em seguida, a arca na garupa do animal, montou e ergueu Sayuri, que colocou no selim.

Só então partiu, tomando mais adiante o caminho de terra, que serpenteava na caatinga que amanhecia.

Na trilha sonora começa a ouvir-se a voz de um cantador nordestino, com a viola sertaneja, iniciando um ABC, relato musical da saga do cangaceiro e o samurai:

"Atenção que eu vou contar,
meu povo, preste atenção,
um ABC muito trágico
que aconteceu no sertão,
envolvendo uma família
procedente do Japão".

Enquanto Kyoshiro e Sayuri, a cavalo, se afastam na trilha que rasga a caatinga, agora inundada de sol, a voz do cantador também vai diminuindo, com a nova estrofe do ABC:

"Bendigo quem vive em paz
lavorando nas fazendas,
assim vivia um nipon
livre de todas as contendas
pensando na sua terra,
no Japão de muitas lendas".

Rio, 26.08.1990

Geraldo Santos Pereira.

O CANGACEIRO E O SAMURAI

Análise Técnica Preliminar

O CANGACEIRO E O SAMURAI

I. PERSONAGENS

PRINCIPAIS

Japoneses

1. Massao Takeda: 65 anos;
2. KYOSHIRO TAKEDA: entre 25 e 30 anos;
3. SAYURI: entre 18 e 22 anos;
4. Dona Mari: 52 anos.

Brasileiros

1. ANTÔNIO GARCIA: 30 anos;
2. Pedro Roque: 40 anos;
3. Aparício Meireles: 50 anos;
4. Cantador: 35 anos.

SECUNDÁRIOS

1. Um roceiro;
2. Outro roceiro;
3. Um vaqueiro;
4. Outro vaqueiro;
5. Uma mulher;
6. Vaqueiro magro;
7. Outro vaqueiro;
8. Mulher de cor;
9. Coronel Amaro: 60 anos;
10. Popular;
11. Sitiante;
12. Empregado;
13. 1a. prostituta do bordel;
14. 2a. prostituta;
15. 3a. prostituta;

16. Catona;
17. Luiza (prostituta jovem);
18. Engrácia (cozinheira preta);
19. Mário Filó;
20. Um homem;
21. Um fazendeiro;
22. Mulher do fazendeiro;
23. Cangaceiro ferido;
24. Rapazinho de Manga Rosa;
25. Tenente Rubião: 40 anos;
26. Roceiro;
27. Fagundes;
28. Matias;
29. Sitiante Juca Cesário;
30. Padre Ponciano: 52 anos;
31. Mendigo cego;
32. Zé Torquato.

FIGURANTES

1. Populares da parte baixa de Salvador;
2. Carregadores e empregados do porto de Salvador;
3. Vaqueiros e empregados da "Fazenda do Japonês";
4. Feirantes e populares de pequena cidade do interior da Bahia;
5. Sitiantes e fazendeiros de pequena cidade;
6. Prostitutas, homens, gente do campo, fazendeiros, sitiantes, comerciantes, prostitutas brancas, negras e mulatas de um prostíbulo de Ponta da Serra, pequena cidade baiana;
7. Participantes de um Candomblé da Bahia: "pais", "mães-de-santo", "filhas-de-santo", ògãs, tocadores de atabaques, agôgôs, cabaças, etc.
8. Espectadores do Candomblé de zona rural;
9. Moradores e populares da pequena cidade de Manga Rosa;
10. Soldados do destacamento policial de Manga Rosa (6 soldados, um sargento e um cabo);

11. Bando de cangaceiros de Aparício Meireles e Antônio Garcia (aproximadamente 20 homens) montados em 20 cavalos;
12. Moradores de Ponta da Serra;
13. Soldados de uma volante policial: 20 ou 30 homens com seus cavalos e armas;
14. Empregados do sítio de Juca Cesário;
15. Populares e moradores de Massacara;
16. Moradores e soldados da pequena cidade de Onça, no Norte da Bahia.

II. AMBIENTES

1. EXTERIORES

1. Caatinga;
2. Feira Popular do Nordeste;
3. Porto de Salvador;
4. Rua diante do Porto;
5. Ruas e locais da cidade baixa de Salvador;
6. Beira de estrada;
7. Trilha no sertão;
8. "Fazenda do Japonês": casa-grande, pátio fronteiro, jardim, currais;
9. Caminho na fazenda;
10. Pasto da fazenda;
11. Horta da fazenda;
12. Pomar da fazenda;
13. Local com riacho;
14. Localidade de Ponta da Serra;
15. Rua de pensão de mulheres;
16. Galpão da fazenda;
17. Recanto do jardim com túmulo japonês;
18. Moradia de Antônio Garcia na fazenda;
19. Canto na caatinga;
20. Localidade de Manga Rosa, com praça, igreja, casario baixo, etc.
21. Rua do destacamento policial de Manga Rosa;
22. Estrada no sertão;
23. Choça na estrada;
24. Caatinga de Pernambuco;
25. Exteriores diversos do interior nordestino;
26. Canto de mato;
27. Feira nordestina;
28. Região próxima do Rio São Francisco;

29. Caminho de terra perto da fazenda;
30. Topo de um serrote (pequena serra);
31. Valhacouto (acampamento de cangaceiros);
32. Capão de mato no valhacouto;
33. Trilha na caatinga;
34. Rio Piauí;
35. Localidade de Cacimba;
36. Lugar no sertão, próximo ao Pontal;
37. Exteriores diversos: Piauí, Pernambuco e Bahia;
38. Trilha em Alagoas;
39. Povoado de Água Branca, em Alagoas;
40. Acampamento dos cangaceiros no interior de Alagoas;
41. Praça de Água Branca, com empório de Matias;
42. Sertão da Bahia;
43. Matagal, em terreno acidentado;
44. Localidade de Barro Branco;
45. Lugar perto de Massacaba;
46. Localidade de Massacaba;
47. Povoado de Onça, no Norte da Bahia;
48. Estrada de Onça;
49. Estrada boiadeira;
50. Capão de Mato;
51. Valhacouto (acampamento dos cangaceiros) para seqüência final.

---

2. INTERIORES

1. Interior de "Jardineira" (velho ônibus nordestino);
2. "FAZENDA DO JAPONÊS":
   a)- Sala-de-visitas;
   b)- corredor;
   c)- sala-de-jantar;
   d)- quarto de Massao Takeda;
   e)- quarto de Kyoshiro e Sayuri;
   f)- quarto de dona Mari.

3. Varanda da fazenda;
4. Pensão de mulheres: sala de dança;
5. Pensão de mulheres: quarto de Luiza;
6. Galpão da fazenda, decorada para Candomblé;
7. Cozinha da fazenda;
8. Casa de Garcia (sala e quarto);
9. Delegacia e destacamento policial de Manga Rosa;
10. Corredor das celas na Delegacia;
11. Cela da Delegacia de Monga Rosa;
12. Casa comercial de Matias, em Água Branca;
13. Casa do coiteiro Juca Cesário;
14. Quarto no sobrado do povoado de Onça.

III. ICONOGRAFIA, MÓVEIS E DECORAÇÃO

1. No Porto de Salvador (1935): instrumentos de trabalho, móveis e decoração de época; doqueiros e carregadores portuários com roupa de época; passageiros, oficiais e marinheiros com uniforme de época, etc.;
2. Passageiros japoneses chegando com trajes, bagagem e objetos de uso pessoal;
3. Arca japonesa, laqueada, de lacre preto e ouro fosco, com desenhos, paisagem, nuvens, ex-votos, etc. Móvel de, aproximadamente, 80 cms por 50 cms, abaulado, decorado ao estilo japonês;
4. Trajes japoneses tradicionais: quimonos de mangas compridas, de seda pesada ou brocado; faixa dura, comprida e larga (obi), amarrada à volta da cintura; meias de algodão branco (tabi) com sandálias de plataforma de madeira. Quimonos masculinos de mangas mais curtas e cores mais escuras, sobre os quais usa-se um casaco largo de seda (haori);
5. Sayuri traz do Japão dois instrumentos musicais: a biwa, espécie de alaúde, com menos de 65 cm de comprimento, o shamisen, uma espécie de guitarra, com pequena caixa de ressonância quadrada, recobertas de pele de gato;
6. A "Fazenda do Japonês" conterá decoração mesclando objetos, quadros, arranjos florais, móveis, etc. brasileiros e, principalmente, japoneses (em São Paulo será fácil obtê-los).
7. Nicho, ou altar, com imagem de Buda, para culto japonês;
8. Jogo de louça japonesa, para refeições, chá, etc.;
9. Ambiente decorado para realização de Candomblé baiano: barracão com chifre de boi, pendendo de uma viga de madeira; cortinas e enfeites decorativos de palha e papel de cor, compondo desenhos caprichosos; local dos atabaques, separado por uma cerca de madeira; altar católico improvisado, com imagens de santos, com destaque para Santo Antônio; "ferramentas" de "Ogún": machado, foice, enxada, picareta, pá, etc.

10. Decoração especial para a festa japonesa da "Tanabata Matsuri": varas de bambu, com bandeirolas, tiras de papel e lanternas coloridas, com frases em ideograma japonês; louça, pratos e tijelas com doces, quitutes e comidas japonesas e baianas;

11. Trajes, armas e objetos típicos dos cangaceiros nordestinos: roupa de tecido grosseiro, de mescla e alvorada; calças de brim riscado; lenços verdes e vermelhos; chapéus de couro batido, enfeitados com desenhos grotescos, cruzes, signos de Salomão, medalhas, fitas, estrelas e botões de madrepérola; bornaus, alforjes, cintos e cartucheiras cruzadas, bordadas em linha vermelha; fuzis, punhais, garruchas e revólveres; alparcatas, etc.

12. Volantes e destacamentos policiais: unidades móveis de forças de polícia, com uniformes de época, armamento, etc. Algumas volantes vestiam-se como os cangaceiros, competindo em violência, depredações, atentados, saques, etc.

13. Decoração, móveis, retrato de Getúlio Vargas na parede, de uma Delegacia em cidade nordestina; - Estúdio;

14. Reconstituição de um bordel do interior da Bahia de 1935, salão com mesas, vitrola, bar, etc. - Estúdio;

15. Casa de coiteiro (pequeno sítio), pobremente mobiliado e decorado - Estúdio;

16. Sobrado de Onça: interior típico de cidade do interior nordestino: cama, guarda-roupa, cadeira, mesinha, etc. - Estúdio;

17. Reconstituição de capoeira nordestina: instrumentos musicais, roda de espectadores, etc.

18. Traje samurai: quimono de cor escura, manga larga, faixa, bainha e espada de aço, em curva, penteado típico, etc.

IV. ESCOLHA DOS INTÉRPRETES JAPONESES

A escolha dos intérpretes para o elenco japonês (Massao Takeda, Kyoshiro, Sayuri e dona Mari) poderia ser feita através de duas alternativas:

1a.) - seleção de intérpretes na comunidade japonesa de São Paulo, em grupos teatrais, folclóricos, etc., com testes eliminatórios ou, eventualmente, através de concurso patrocinado por emissora de Televisão sediada na capital paulista;

2a.) - a segunda alternativa, de custo mais elevado, configuraria mais adequadamente uma co-produção com empresa ou veículo de comunicação do Japão (produtora cinematográfica, emissora de Televisão, etc.) com a contratação de conhecidos intérpretes atuantes no grande país. Esta alternativa, evidentemente, facilitaria a colocação do filme no Japão e países asiáticos.